



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A PESCA ARTESANAL COMO SOBREVIVÊNCIA DAS POPULAÇÕES TRADICIONAIS DOS MUNICÍPIOS SENTO-SÉ, PILÃO ARCADO E XIQUE – XIQUE NO ESTADO DA BAHIA

Lucia Marisy Souza Ribeiro de Oliveira¹

Jackeline Maria Souza²

Andrews Rafael de Araújo Cunha³

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Vale do São Francisco

A HISTÓRIA

Populações tradicionais são definidas como “populações de pequenos produtores que se constituíram no período colonial, freqüentemente nos interstícios da monocultura e dos ciclos econômicos, as quais, pelo isolamento em que viviam foram obrigadas a desenvolver estratégias de sobrevivência particulares”(Diegues:1996), fortemente dependentes da natureza e dos recursos naturais renováveis.

Essa pesquisa teve como objetivo investigar as representações sociais dos pescadores jovens e filhos de pescadores em relação à pesca artesanal no Rio São Francisco e as perspectivas de continuidade da atividade como profissão, a fim de sugerir alternativas que viabilizem a pesca como atividade produtiva geradora de trabalho e renda com preservação do meio ambiente. Foi desenvolvida nos municípios de Sento-Sé, Pilão Arcado e Xique-Xique no Estado da Bahia, entretanto, já tinha antes sido realizada nos municípios de Juazeiro, Sobradinho, Casa Nova e Remanso, com resultados preocupantes, vivendo os pescadores em estado de absoluta miséria, tendo que entregar o seu pescado aos atravessadores pelo preço aviltante de 0,40 centavos a R\$ 1,00 o quilo, em virtude da ausência de infra-estrutura para armazenamento e comercialização do produto.

¹ Professora Adjunta III da UNIVASF – Pesquisadora do CNPq

² Aluna de Graduação em Psicologia – Bolsista de Iniciação Científica da FAPESB



³ Aluno de Graduação em Psicologia – Bolsista da FAPES

As espécies nativas nobres, como surubim, dourado, pacu, já não são encontradas nesses municípios há mais de 07 anos, ficando para eles as espécies exóticas de menor valor comercial. As experiências com criação em tanque-rede são pontuais e ainda não apresentam resultados convincentes para os envolvidos com a inovação. Embora alguma consciência ecológica já se faça sentir entre os mais idosos, o desrespeito ao período da piracema é freqüente, dado que são muitos os que não recebem o seguro desemprego por não possuírem documentos. A pesca com malha fina contribui para a escassez do pescado, ampliando o problema existente.

Esses dados, ampliados com a replicabilidade da pesquisa nesses novos municípios que tradicionalmente tiveram na pesca fonte de geração de trabalho e renda para um enorme contingente populacional, contribuirão para a tomada de decisões pelos órgãos públicos quanto ao assunto, na perspectiva da melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida dessas populações.

OS CAMINHOS PERCORRIDOS

A população objeto deste estudo foi constituída pelos pescadores artesanais e seus filhos que praticam essa mesma atividade econômica nos municípios de Pilão Arcadao, Sento-Sé e Xique-Xique, todos localizados na região do São Francisco no Estado da Bahia.

A pesquisa foi de abordagem qualitativa com enfoque teórico-metodológico nas Representações Sociais. Assim, este estudo procurou elaborar as Representações Sociais como um processo dinâmico, considerando a inserção do pescador e dos seus descendentes num contexto sociocultural definido e também a sua história pessoal e social, visando apreender a representação social sobre a degradação ambiental para entender as formas como eles elaboram esse conhecimento e convivem com essa problemática no seu cotidiano.

Em um primeiro momento foram feitos contatos com representantes dos pescadores, a fim de se vislumbrar um panorama geral a respeito da pesca artesanal nos municípios, além de se obter informações práticas acerca do acesso ao público-alvo.



Num segundo momento foram feitas entrevistas semi-estruturadas com pescadores e seus filhos também pescadores, contendo na primeira parte itens referentes à identificação sócio-demográfica dos participantes e na segunda parte questões norteadoras estruturadas de acordo com o referencial teórico adotado. A pesquisa realizada teve como representação do seu universo cento e três entrevistados, sendo trinta e cinco no município de Pilão Arcado, trinta em Sento-Sé e trinta e oito em Xique-Xique. Para registro dos dados, utilizou-se gravação em MP3, com consentimento dos participantes. Os dados foram analisados à luz do referencial teórico adotado, seguindo os passos metodológicos sugeridos por Padilha (2001): 1º Momento – Objetivação, com a formação dos núcleos figurativos que expressam a concretude da idéia. 2º Momento – Ancoragem, com a interpretação dos participantes sobre o material por eles produzido.

OS MUNICÍPIOS – SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA, SOCIAL, CULTURAL E ECONÔMICA

PILÃO ARCADO

É uma das cidades relocadas pela inundação da barragem de Sobradinho, sendo a única nesse episódio que não tem a sua sede à beira do lago. Possui uma população aproximada de 32.844 habitantes, distribuída numa área de 11.700 Km², sendo que 74% localizam-se na zona rural. Limita-se com os municípios baianos de Remanso e Campo Alegre de Lourdes, sendo a sua densidade demográfica de 2,81 habitantes por Km² (IBGE:2010).

A cidade originou-se de um arraial fundado em fins do século XVIII, por ordem do Vice Rei Dom João de Lancaster, com a finalidade de colocar fim aos constantes roubos de gado feitos pelos índios Mocoazes e Acoroazes na região. Há controvérsias quanto a origem do seu nome, entretanto, em todas as versões há a presença de um pilão feito com galho de árvore em forma de arco, utilizado pelos índios para pilar o sal usado na salga de peixes.

A economia do município tem como base a pesca e o comércio. A colônia de pescadores possui uma sede pomposa, com infraestrutura para encontros e até



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

alojamento, entretanto, não atua na perspectiva da organização e defesa dos pescadores, limitando-se ao registro dos profissionais da pesca para o pagamento do seguro defeso. As festas religiosas constituem as principais fontes de aglomeração populacional e de manifestações populares. O artesanato é insipiente.

SENTO – SÉ

Está localizada na borda do Lago de Sobradinho no Estado da Bahia, tendo sido fundada em 1832. Tem como fronteira os municípios de Campo Formoso, Casa Nova, Itaguaçu, Jussara, Morro do Chapéu, Pilão Arcado, Remanso, Sobradinho, Umburanas e Xique-Xique. Possui uma área de 12.871 Km² e é o terceiro maior município do estado, segundo dados da SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. A sua população é de 36.517 habitantes (IBGE:2010), sendo a sua densidade demográfica de 2,8 habitantes por Km². Dotado de grande potencial hidrográfico na bacia do São Francisco, Sento Sé possui além do Lago formado pela Barragem, o rio Jacaré ou Vereda do Romão Gramacho e o Riacho do Mulungú.

Sua economia é a agropecuária, com destaque para a produção de banana, uva e manga, mas detém grandes riquezas minerais que precisam de infraestrutura pública para serem exploradas industrialmente.

XIQUE – XIQUE

O Município de Xique-Xique fica situado na região do Vale do São Francisco na Micro Região Administrativa de Irecê e está a 587 Km de Salvador, capital do Estado da Bahia. A sua população é de 45.700 habitantes e a sua área de 5.671 Km² (IBGE:2010). Durante a administração do Governador Tomé de Souza passou pela região uma expedição exploradora e no século XVII um grupo de garimpeiros já se instalava na ilha do Miradouro, formando ali o primeiro núcleo populacional de europeus. Na mesma época surgiu a fazenda Praia Cabo da Ipueira de propriedade do português Theobaldo Miranda Pires de Carvalho, construindo nas suas proximidades a igreja Senhor do Bonfim. Em 1714, Dom Sebastião Monteiro da Vide, arcebispo da



Bahia, assinou um ato que elevava a capela de Chique-Chique à categoria de freguesia. Em pouco tempo a comunidade era um arraial em franco crescimento. Quando o Brasil separou-se politicamente de Portugal, a área que se tornaria município de Chique - Chique contribuía com a economia do império do Brasil, principalmente com a produção de ouro e pedras preciosas dos garimpos da serra do Assuruá. Em 23 de outubro de 1837, o nome foi mudado para Xique-Xique.

O município possui uma área de proteção ambiental nas dunas e veredas do baixo e médio São Francisco, criada em 1997, com área de 1.085.000 hectares, bem como da Lagoa de Itaparica, com 78.550 hectares, conhecida pela sua beleza natural, sua biodiversidade e presença constante dos carnaubais e plantas aquáticas como a vitória régia. Há também o Parque Aquático Ponta das Pedras, que propicia muitas diversões aos visitantes. Com toda essa infraestrutura, o município dispõe de condições favoráveis para o turismo ecológico, cada vez mais explorado por turistas nacionais e internacionais.

OS RESULTADOS

A pesquisa realizada teve como representação do seu universo cento e três entrevistados, 16% dos quais do sexo feminino, nenhuma com ocupação em cargo diretivo. Tal fato pode ser justificado pela cultura predominante do sexo masculino como referencia na sociedade, conseqüência de arranjos culturais que por muito tempo foi predominantemente patriarcal e ainda hoje apresenta seus vestígios. Seguindo essa lógica, no espaço público deve a mulher adotar uma postura de submissão diante do homem, assumindo, contudo no espaço privado do lar as maiores responsabilidades com a sua manutenção. Como a atividade pesqueira demanda um esforço físico e um período relativamente grande de tempo fora de casa para a realização da jornada, se torna, segundo relatos, inviável para a maioria delas.

Considerando ainda a cultura na qual os sujeitos da pesquisa estão inseridos e o afastamento da mulher das atividades no rio, questionou-se a possibilidade de haver uma relação entre tal distanciamento e a crença de que a mulher no período da menstruação traz azar para a pesca. Embora todos tenham reconhecido essa crença, 81% afirmaram não acreditar nela. Contudo, embora ainda seja reduzido o número de



mulheres na pescaria molhada, estas participam da atividade de forma indireta, quer no tratamento do pescado – limpeza e salga – quer na confecção e conserto das redes, daí o sentimento de injustiça que permeia o seu imaginário por não serem beneficiadas com o seguro defeso.

Contudo, muitas outras tradições ainda continuam a ser mantidas, dentre elas, o respeito pelos mestres, pescadores mais velhos, detentores de excelente memória, que foram lapidados pelo tempo de vida nas águas, sendo capazes de compreender o movimento dos ventos; o local adequado para se deixar a rede; os lugares seguros para o percurso da embarcação, num mundo cercado por riscos, armadilhas e medos.

Medo dos donos do rio, como o Negro D`Água, a Mão D`Água, a Caipora, que se zangados são capazes de virar o barco e desaparecer com os peixes, ficando os pescadores de mãos vazias. São os mestres que ensinam os mais jovens a se protegerem ao pisarem nas águas, sempre pedindo licença para entrar na sua casa.

São eles que, pelo aguçado senso de observação aprimorado no cotidiano, identificam sinais de peixes em determinados locais, como a presença de aves sobrevoando as águas; árvores nas margens do rio, cujos frutos são apreciados por determinadas espécies de peixes para alimentação; a cor das águas, porque o tempo de esperar o peixe, é também o tempo de aprender com a natureza, de contemplar e de proteger os equipamentos do ofício.

Como afirma Edgar Morin (1999), a cultura enquanto conhecimento e, o conhecimento enquanto cultura são a dialética que movimenta, interage e dá sentido à vida e as práticas na pesca, que por sua vez reflete-se em saberes que permitem ao pescador se relacionar com o meio onde estão inseridos de maneira íntima, proporcionando a criatividade e a sabedoria. É o que Gohn (1999) chama de educação não formal adquirida pelos cidadãos ao longo da vida pela interpretação e assimilação dos fatos, em contato com grupos e organizações.

Ao discorrer sobre as populações tradicionais, Faria (2002) as descrevem como grupos sociais que vivem a proximidade e dependência em relação aos diversos ambientes naturais, possuindo como característica fundante um profundo conhecimento



do meio natural e uma utilização sustentável do mesmo. Outra tradição mantida é a religiosidade, que influi diretamente nas atitudes e comportamentos do pescador. Em datas consideradas santas, como os dias dedicados a São Francisco, Santa Luzia, Finados e na Semana Santa, as atividades são paralizadas, sob a justificativa de guardar “*os dias grandes*” para receber as recompensas e não ser punido. Há a crença generalizada de que pescar no dia de Santa Luzia, pode-se ficar cego; pescar no dia de São Francisco seca a rede o ano todo e não respeitar a Semana Santa é pactuar com Satanás. Na comemoração aos mortos, a crença é que os seus espíritos nesse dia ficam vagando, rondando a todos e tentando as pessoas a fazerem o mal. Só os denominados evangélicos afirmam não acreditarem em nada disso.

Também é prática rotineira entre os pescadores os rituais antes de entrarem no rio. 67% dos entrevistados relataram rezar ou se benzer em busca de proteção e ajuda; não entram calçado no barco (5%); ofertam bebida e comida para as entidades das águas (13%). Os demais, nada fazem. Foi também pela tradição familiar que 92% dos entrevistados ingressaram na pesca artesanal ainda na infância, seguindo os passos dos ancestrais. Hoje, pelo incentivo do Bolsa Família e a atuação mais intensa do Ministério do Trabalho, a participação de crianças nas jornadas de pesca é rara.

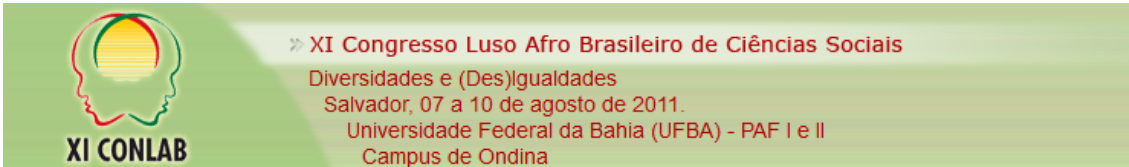
Quanto à pretensão de permanecerem na atividade pesqueira, os dados foram bastante homogêneos e 97% afirmam a sua intenção em continuar exercendo a profissão, o que não significa satisfação com a atividade. A falta de opção de trabalho na região, bem como a desqualificação para outros ofícios, foram motivos elencados para a permanência na pesca. Os mais idosos, colocam a proximidade da aposentadoria como forte razão para continuarem no rio. Apenas 2% manifestaram gosto pelo que fazem e 3% alegaram deixar a atividade após o benefício da aposentadoria que se aproxima, justamente pela desvalorização da atividade na relação com os riscos para a saúde, como, alterações na visão causadas pelo espelho d’água, desvios na coluna, decorrentes dos movimentos bruscos no jogar e retirar a rede, além dos acidentes naturais.

Em relação à continuidade da pesca pelos jovens, 68% dos pais afirmam não desejar este destino para os seus filhos. Alegam que na pesca só vale a pena ser



atravessador, porque ganha-se bem, podendo ter conforto, casa boa, carro, moto e conta no banco. Todos manifestam interesse pelo estudo dos filhos, com a consciência de que no mundo de hoje essa é a condição para se conseguir emprego, ideal muito presente no imaginário popular. Os que afirmaram desejar essa atividade para o futuro dos filhos (32%), acreditam na predestinação. *“Nascemos para ser pescador; essa é a profissão para o pobre. Não adianta querer ser uma coisa quando Deus já escolheu outra. O melhor é se conformar”* (D.G.F, 56 anos). *“É bem verdade que a nossa vida é dura. Mas fome a gente não passa, porque nem que seja uma piabinha a gente pega, trata, passa no sal e assa na brasa. Outros pobres às vezes fica dependendo de alguém lhe dar o que comer. Nós, não, a gente tem este orgulho de não pedir nada a ninguém(J.S.O. 63 anos).”* *“A gente é pobre mas é livre. Ninguém manda na gente. Se eu não quiser ir para o rio hoje eu não vou, porque não tenho patrão. Eu sou o meu patrão. Então isso é muito bom”* (F.R.T, 48 anos). *“Eu vejo vizinho meu que trabalha em firma e mesmo doente tem de ir trabalhar pra não ser mandado embora. É tratado como cachorro sem dono. Tem uns que para sair do trabalho tem até de tirar a roupa na vista dos outros pra mostrar que não roubou nada. Ta vendo que eu não ia aceitar esta desmoralização? Por isso que eu digo que ser pescador é a melhor coisa para pobre”* (J.L.P, 57 anos).

Nessas falas, está evidente o sentimento de liberdade e resistência, pois a pesca artesanal sempre se caracterizou, para seus profissionais, como uma não subordinação à sociedade capitalista de consumo, tornando seu trabalho e seu modo de vida uma arte feita de simbologias, por ser exercida num ambiente livre de pressões e fora da terra. Ali é o próprio pescador que tem de decidir o que fazer, para assegurar a sua sobrevivência com segurança. por ser exercida num ambiente livre de pressões e fora da terra. Ali é o próprio pescador que tem de decidir o que fazer, para assegurar a sua sobrevivência com segurança. Além disso, como bem analisa Diegues (1983), o imaginário sobre a liberdade que o pescador possui emerge sempre em oposição a outros trabalhadores. Até mesmo quando o pescador não é proprietário de embarcação e rede, isso não faz com que ele deixe de dominar todas as etapas ligadas à processualidade do seu trabalho, revestindo sua atividade de uma qualidade incomum, pois o mesmo se sente sujeito ativo das decisões de seu trabalho. Ademais, a repartição do resultado do trabalho e o destino dado à produção pesqueira, guardando parcela para o consumo doméstico,



acabam resguardando o pescador artesanal de situações mais desfavoráveis, fato inexistente em atividades produtivas assalariadas .



Além disso, como bem analisa Diegues (1983), o imaginário sobre a liberdade que o pescador possui emerge sempre em oposição a outros trabalhadores. Até mesmo quando o pescador não é proprietário de embarcação e rede, isso não faz com que ele deixe de dominar todas as etapas ligadas à processualidade do seu trabalho, revestindo sua atividade de uma qualidade incomum, pois o mesmo se sente sujeito ativo das decisões de seu trabalho. Ademais, a repartição do resultado do trabalho e o destino dado à produção pesqueira, guardando parcela para o consumo doméstico, acabam resguardando o pescador artesanal de situações mais desfavoráveis, fato inexistente em atividades produtivas assalariadas .

O fato de a cada dia menos pescados serem capturados tem repercutido não apenas no aspecto econômico, mas também ocasionando impacto negativo na nutrição dos mais jovens e dos mais idosos, fragilizando a sua saúde e favorecendo o surgimento de inúmeras doenças.

Em relação a jornada de pesca destes profissionais, observou-se que em sua maioria (70%), a duração é entre dois e dez dias, sendo baixo o índice daqueles que retornam diariamente aos seus lares (10%). Essa atividade por sua vez, é realizada em grupos de até 10 pessoas, sendo duas pessoas por canoa. O custo diário desta atividade varia entre dez reais (6%), até quarenta reais (3%), sendo que (61%) tem custo de quinze reais com a jornada. Esse valor foi calculado incluindo alimentação, combustível, isca e outros materiais de pesca. A quantidade diária de peixes capturada varia muito, entretanto, muito raramente ultrapassa vinte quilos. No seu imaginário, há a interferência da lua, da chuva e da vontade dos peixes, evidenciada na sua luta para manterem-se vivos, o que segundo Silva (1989), os aproximam do homem na sua luta pela sobrevivência. Para conservação do pescado, estes são deixados em caixas de isopor com gelo por 84% dos pescadores. Outra ação adotada neste caso é a entrega do material para o atravessador que passa recolhendo o material ainda no meio do rio.

**Tabela 01 - Materiais utilizados na atividade pesqueira nas cidades de Pilão
Arcado, Sento-Sé e Xique-Xique**

Materiais utilizados na pesca	Pilão Arcado	Sento-Sé	Xique-Xique
Rede	100%	100%	92%
Anzol	89%	100%	82%
Tarrafa	83%	97%	79%
Covos	3%	0%	0%
Fisgos	0%	0%	50%
Carretilha	0%	0%	47%
Arpão	0%	0%	5%

No que tange ao despovoamento no número de espécies de peixes no Rio São Francisco, algumas possíveis justificativas para esse fenômeno – que segundo os pescadores artesanais tem se intensificado há cerca de 10 anos – foram elencadas pelos entrevistados, dentre elas, a mais ressaltada diz respeito à variação das águas do São Francisco, que pode ter origem nas barragens ou na mudança dos períodos chuvosos. O uso da malha miúda para a pesca foi levantada como a segunda justificativa mais presente nos discursos dos pescadores. Embora esse equipamento seja proibido por lei, alguns pescadores ainda se utilizam desse recurso, pescando peixes pequenos que ainda não atingiram a idade reprodutiva, impedindo assim que as espécies se perpetuem. E uma vez pescados em tamanho impróprio para a comercialização, são descartados, numa visível agressão ao meio ambiente e um desrespeito às leis vigentes e à vida animal.



Não havendo diferença significativa entre as cidades pesquisadas, foram identificadas as espécies facilmente encontradas e aquelas consideradas por eles em extinção. Em ordem decrescente as seguintes espécies foram classificadas como facilmente encontradas, a saber: Curimatá, Piranha, Tucunaré, Pescada e Piau. Na mesma ordem foram classificadas como extintas as seguintes espécies: Surubim, Pirá, Curvina, Pocomon e Matrinchã. Ressalta-se que as espécies caboge e cari ainda são encontradas na região, porém não são apreciadas pelos consumidores locais e portanto não são capturadas para comercialização.

Desconsiderando os meses de desova dos peixes, nos quais segundo portaria 142 de 30 de outubro (BRASIL, 2002) é proibida a atividade pesqueira acima de 5 quilos diários mais um exemplar que pode possuir qualquer peso, e que devem ser pescados de anzol, os pescadores relataram ser entre os meses de junho a setembro o melhor período para a pesca. Além da redução no número de espécies de peixes encontrada atualmente no Rio São Francisco os entrevistados relataram outras mudanças observadas nesse meio, tais como, assoreamento, menor profundidade, diminuição da mata ciliar, dentre outras alterações que fazem com que ele seja percebido como um recurso ambiental degradado.

A construção de barragens, a ação humana, a poluição de esgotos domésticos e industriais, aparecem como os principais responsáveis pelo estado de degradação do Rio São Francisco. Assim, importante se faz propor políticas de co-responsabilização e educação aos empresários e à população em geral, como forma de frear a sua destruição.

No que tange às possíveis medidas a serem adotadas a fim de reverter esse quadro, os entrevistados, mais uma vez, citam a participação não apenas do governo, mas também da população nesse processo. Dentre as ações citadas como de responsabilidade do Estado, a revitalização, assim como a recomposição da mata ciliar – que é uma das etapas da revitalização – aparecem como as mais mencionadas. Já a incumbência principal da população na preservação ambiental é não depositar lixo nas águas e nas margens do Rio São Francisco.

No que se refere à transposição das águas do São Francisco 71% posicionaram-se contrários, sob a alegação de que o rio está morrendo. Os demais entendem que todas



as populações têm direito a um bem que foi doado por Deus, acreditando que a água do São Francisco nunca acabará. Dos sujeitos entrevistados, 92% estão vinculados às colônias de pescadores e destes, 100% afirmam estar satisfeitos com a sua atuação nos municípios de Sento-Sé e Pilão Arcado. Apenas no município de Xique-Xique, 36% confessaram estar insatisfeitos com o seu desempenho. A visão dos pescadores sobre as atribuições das colônias é reduzida, se restringindo a aposentadoria, licença maternidade e ao seguro defeso, que é também motivo de conflito, já que todos olham esse benefício como objeto de desejo, capaz de satisfazer necessidades antes impensáveis, como compra e reforma de imóvel; aquisição de bens de consumo e a possibilidade de visitar parentes. Como as regras são estabelecidas pelo Ministério da Pesca, muitos ficam de fora, colocando as responsabilidades no gestor local. Não se cogita para as colônias ações de capacitação e organização coletiva, nem a definição de políticas que assegurem a sustentabilidade da ocupação.

Nesses municípios a presença do atravessador é menor. Muitos pescadores vendem o seu produto diretamente aos consumidores nas feiras livres e nos mercados locais, o que lhes assegura preços médios que variam de R\$ 2,00 a R\$ 2,50 o quilo, exceção feita para o surubim que pode custar até R\$ 9,00 reais, porém, por tratar-se de espécie em extinção, só raramente é encontrada. Esses valores, embora baixos, são maiores do que os praticados em municípios onde a presença do atravessador é constante.

Com renda tão baixa, a situação de pobreza dos pescadores é generalizada. O seguro defeso constitui a oportunidade para adquirir alguns bens duráveis, como móveis, televisão, bicicleta e outros, mesmo com o atraso na sua liberação, fazendo com que muitos tenham de buscar solução para as suas necessidades junto ao agiota. Os que afirmem ter conseguido comprar ou construir suas casas com a renda da pesca, nomeiam as residências como “*barracos*”, por serem normalmente de chão batido, sem qualquer comodidade, deixando os seus usuários vulneráveis a doenças.

Há uma compreensão por parte de todos de que uma ação mais efetiva do Estado modificaria este quadro de carências a que estão submetidos, tais como: instalação de câmaras frias nas colônias, para possibilitar a armazenagem do produto, eliminando-se o



atravessador; financiamento a juros baixos de embarcações maiores com freezers; capacitações continuadas para tratamento adequado do pescado e industrialização da sua carne; apoio à comercialização nos centros urbanos; fiscalização para evitar a pesca nos períodos proibidos e com malha fina; revitalização da bacia com peixamento de espécies nativas.

CONCLUSÕES

O Rio São Francisco tem uma tradição de pesca artesanal de pequeno porte. No entanto, décadas de desenvolvimento agroindustrial e hidrelétrico, poluição e desmatamentos têm afetado profundamente populações de peixes que levaram a um declínio na captura, conflitos na regulamentação da pesca e alocação de recursos, além de muitas dificuldades nas comunidades de pescadores. Trata-se do quinto maior rio da América do Sul, surgindo na alta floresta atlântica no estado de Minas Gerais e fluindo por quase três mil quilômetros em direção ao Atlântico, e a terceira bacia hidrográfica do Brasil. Drena uma área de 640.000 Km² e ocupa 8% do território nacional, envolvendo os Estados Bahia, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Minas Gerais e o Distrito Federal.

Os resultados apontados nesse estudo demonstraram uma fragilidade da pesca tradicional entre os ribeirinhos dos municípios de Pilão Arcado, Xique-Xique e Sento-Sé, dado a baixa expectativa dos mais idosos em relação a sua continuidade e a desmotivação dos mais jovens em aderir a uma profissão cujos resultados financeiro e social não apresentam-se atrativos. Achados esses que corroboram com o observado na primeira pesquisa nos municípios de Juazeiro, Casa Nova, Sento-Sé e Sobradinho, e que fomentaram essa ampliação da população na presente pesquisa.

As tentativas de repovoamento das águas do São Francisco com populações exóticas não tem representado os resultados desejados, tendo em vista serem eles predadores das espécies nativas e não agradarem ao paladar dos ribeirinhos, o que significa menor renda para os pescadores. A colônia, que é a organização representativa



dos seus interesses, apresenta-se desparelhada para reivindicar junto aos órgãos públicos o apoio necessário em infraestrutura, capacitação, política pública, financiamento e comercialização. Contudo, pela burocracia para adesão do seguro de pesca esses profissionais se aliam a tal órgão, pagando da sua baixa renda a mensalidade por ela cobrada, embora tenha sido relatado pela colônia um alto nível de inadimplência.

A recomendação deste estudo é no sentido de que os órgãos governamentais ampliem as políticas voltadas para o incentivo à pesca artesanal, com financiamentos de juros baixos que possibilitem a esse grupo um melhor equipamento para o armazenamento do pescado e assim não necessitem mais repassar o produto por preços insuficientes, implementação de tecnologias de cultivos de peixes em cativeiro, perpassando pela revitalização do Rio São Francisco e um amplo programa de educação ambiental que oriente as populações ribeirinhas quanto à preservação dos seus recursos naturais, com vistas à sua sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Manuel José de. **O drama do São Francisco**. Gráfica do Senado Federal: Brasília, 1991.

BAUER, M. A Popularização da Ciência como “Imunização Cultural”: a função de resistência das representações sociais. In JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. (Org). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994.

BRASIL, Portaria 142 de 30 de outubro de 2002. Disponível em: www.ibama.gov.br/cepsul/legislacao.php.

DIEGUES, A. C. S. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo, Hucitec, 1996.

DUMONT, Sandra Regina Tôrres. **São Francisco – caminho geral do sertão**: cenário de vida e trabalho de pescadores tradicionais em Pirapora e Buritizeiro – Norte de Minas Gerais. Dissertação mestrado – Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

JODELET, D. Representación social: Fenómenos, concepto y teoría. In: **Psicología Social**. (S. Moscovici, org.), pp. 469-494, Barcelona: Paídos, 1985.

_____. Représentations sociales: un domain en expansion. In: **Les Représentations**



Sociales. (D. Jodelet, org.), pp. 31-61, Paris: Presses Universitaires de France, 1988.

_____. **Folies et Représentation Sociales.** Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

MINAYO, Maria C. de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo / Rio de Janeiro: HUCITEC / ABRASCO, 1994.

_____. O conceito de representação social dentro da sociologia clássica, in GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (org). **Textos em Representação Social.** Petrópolis: Vozes 1995.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse son image et son public.** Paris: Presses Universitaires de France, 1961.

_____. **A Representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

PADILHA, M.I.C.S. **Representações sociais: aspectos teórico – metodológicos.** Passo Fundo – RS: Universidade Passo Fundo, 2001.

VALA, J., “**Sobre as Representações Sociais -Para uma Epistemologia do Senso Comum**”, *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 4, 1986: 5-30.

_____. “**Representações Sociais - Para Uma Psicologia Social do Pensamento Social**”, *Psicologia Social.*, J. Vala & M. Monteiro (Eds.), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

ZELHUBER, Andrea; SIQUEIRA, Ruben. **Rio São Francisco em Descaminho: Degradação e Revitalização.** Nº 227. Salvador: Caderno do CEAS, Julho/setembro, 2007.



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina